

Europa: o centro do mundo?

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação** (trad. Mário Soares). São Paulo: Cosac e Naify, 2006. ISBN: 857503510X.

Adriane Hinkel

Universidade de Aveiro, Glória, 3800, Aveiro, Portugal. E-mail: adrianehinkel@gmail.com

O livro *Crítica da imagem eurocêntrica* é uma obra que se compõe em oito capítulos: “Do eurocentrismo ao policentrismo”, “Formações do discurso colonialista”, “O imaginário imperialista”, “Tropos do império”, “Estereótipo, realismo e luta por representação”, “Etnicidades-em-relação”, “O cinema terceiro-mundista” e “A estética da resistência”. Nos quais os escritores, Ella Shohat e Robert Stam, conseguem impor objetividade a uma discussão que por muitas vezes parece trivial, no entanto no decorrer dos textos nos deparamos com contextos tão evidentes, porém nunca observados da maneira como é apresentada pela dupla de escritores. O multiculturalismo é o termo mais atuante na discussão. A obra aborda a teoria da comunicação, antropologia, história, sociologia, psicanálise, cinema, pós-colonialismo, hibridismo etc. Os dois escritores estão apoiados no conhecimento consistente dos discursos e imagens criadas ao longo do século XX, quando o cinema foi um meio de comunicação muito popular. Os autores analisam e desvendam lugares comuns de nosso pensamento audiovisual, tanto que várias páginas são reservadas para este contexto, permitindo identificar valores morais, políticos e estéticos, representados, introjetados e, por fim, aclimatados.

Ao falar do emprego da palavra Ocidente os escritores se apóiam em Raymond Williams quando diz que a história do Ocidente remonta a divisão do império romano em oriental e ocidental; às divisões da igreja, ocidental e oriental, definição do Ocidente como judaico cristão e por fim do Oriente como muçulmano, hindu, budista. E ainda a divisão da Europa pós-guerra entre o Ocidente capitalista e o Oriente comunista, desenhando no decorrer desse discurso que é a política que determina a geografia. Sem maiores surpresas é exposto na obra que o Ocidente exclui a América Latina, porém não deixa de ser estranho, pois a maioria dos países latino-americanos, independente de suas etnias estão localizados no hemisfério ocidental, e vivem e falam com hábitos europeus.

Shohat e Stam atestam que a Europa não passa de diversas culturas ocidentais e não-ocidentais. Ocidente afinal, é a herança coletiva, de uma mistura voraz de culturas que não apenas “bebeu” das influências não-européias, mas que na realidade se formou por elas. Essa reflexão indica de maneira categórica que o eurocentrismo é o resíduo discursivo ou a sobra do colonialismo.

Ao falar da teoria da dependência, ou seja, visar o que há na Europa e tentar viver uma imitação para assim haver progresso seguindo os passos dos povos imperialistas, os escritores contestam o que Eduardo Galeano afirma, que a nossa derrota está sempre implícita na vitória dos outros. Os escritores afirmam que a teoria da dependência foi culpada por certo prometeísmo de esquerda que vê o primeiro mundo como a força todo-poderosa e o terceiro com um bloco que aceita passivamente as decisões econômicas e ideológicas do primeiro.

O racismo também entra na obra como um terrível algoz. A dupla de escritores afirma que o racismo não é exclusividade do Ocidente ou da situação colonial e cita como exemplo o caso do anti-semitismo concluindo que o racismo é do ponto de vista histórico um aliado e uma parcela do colonialismo. Indicam com veemência quem são as vítimas do racismo - são os que foram forçados no caldeirão colonial: os africanos, os asiáticos, e os povos nativos das Américas assim como aqueles que se viram obrigados a deslocarem-se devido ao colonialismo. Diante disso presumem que o colonialismo é construtor de sentimentos niilistas e narcisistas em relação às “raças inferiores” que o próprio colonialismo forjou. Tudo o que está relacionado ao racismo já está coberto de ideias moldadas. Para citar um só exemplo; Deus e o diabo. Deus coberto de luz, e o diabo coberto de escuridão, por que não poderia ser diferente? Porque o racismo implantado na psique não permite que haja essa diferenciação, isso já está concebido na mente moldável do ser humano.

Ao conceituar o termo “terceiro mundo” os escritores citam como exemplo o Brasil que é considerado terceiro mundo tanto no aspecto racial quanto no econômico, o primeiro aspecto é devido à existência de uma grande maioria mestiça e no que se refere ao segundo aspecto, como sabemos, é devido à dependência econômica que faz parte do sistema econômico brasileiro. Colocados esses contrapontos chegam a um chão muito trilhado; o Brasil é dominado por uma elite europeizada.

Em relação ao cinema do terceiro mundo os escritores chamam a atenção para a enorme produção cinematográfica da Ásia, África, e América Latina bem como para o cinema menor do chamado primeiro mundo, fato este que é encortinado apenas pela fantasiosa noção do cinema hollywoodiano. Falam também dos gigantes audiovisuais, entre eles a quarta maior TV do mundo, a brasileira rede globo.

A partir dessas principais definições explanadas no primeiro capítulo os autores dão sequência com a discussão das “Formações do discurso colonialista”, sobre o início do mundo, indicando o suposto lugar: a Grécia. Aqui Ella e Robert lançam mão de uma visão global para mostrar as origens e as derivações do discurso colonialista-eurocêntrico. Deixam claro que há um equívoco da República Helênica em imaginar que tudo começou em seu país, pois a história mundial não possui uma origem, mesmo embora, muitos antropólogos especulam que o primeiro ser humano tenha sido uma mulher africana, e se supostamente isso for verdade, logo, o começo de tudo foi na África. No entanto o discurso eurocêntrico degrada a África ao considerá-la deficiente de acordo com os critérios e hierarquias arbitrárias criadas pelos europeus. O que nos remonta a Hegel quando em seu livro, *A Razão na história. Introdução à filosofia da história universal*, menosprezou de tal maneira o continente africano, chegando a dizer que esse não faz parte da história do mundo. Ella e Stam defendem que o cinema é um dos meios imponentes na colaboração dessa visão Europa/África, afirmando que a colaboração do cinema é grandiosa na deturpação da verdadeira África.

Na impossibilidade de descrever a história toda em um discurso amplo e abrangente Shohat e Stam concentram-se em conflitos centrais conhecidos sob rubricas como Grécia e Egito, viagens de descobrimentos, discursos de progresso e antinomias do iluminismo que não davam ênfase aos eventos históricos, mas, sim às suas formações discursivas.

No terceiro e quarto capítulos, “O imaginário imperialista” e “Tropos do império”, é desenvolvida a questão da representação ideológica e ideologizante, ou de como o cinema serviu de

aparelho adequado para a necessária expansão do ideário imperialista. É realizada uma comparação do cinema e da literatura e a mídia escrita na invenção de um imaginário imperialista masculino. Também sugerem que o discurso eurocêntrico na maioria das vezes opera através de metáforas, tropos e figuras como a animalização e a infantilização. Concentram-se também no que diz respeito ao racismo (mais uma vez), ao falar da personificação visual de tropos que nos remetem ao erótico, como as terras virgens, os continentes negros, e os haréns imaginários etc. Sendo assim, as culturas não-europeias tornam-se universais devidos aos discursos institucionais tais como os da arqueologia e da psicanálise.

No quinto capítulo, “Estereótipo, realismo e luta por representação” Shohat e Stam intervêm nos debates sobre realismo e as imagens positivas, avaliando de maneira específica a metodologia conhecida como estudos da imagem. Questionam até que ponto as análises de modelos estereotipados e distorcidos têm sido úteis diante dos meios de comunicação, que são grandemente associados a tudo que é real. Segundo os autores seria melhor ultrapassar isso e avançar em direções que levem em conta as formações institucionais, as políticas que dominam a utilização da língua etc. Nos capítulos seguintes: “etnicidades-em-relação”, “o cinema terceiro-mundista” e “a estética da resistência”, abordam a relação complexa de povos indígenas e africanos nas Américas indicando a exigência de uma abordagem transnacional que possibilite uma revelação dos conflitos entre comunidades e identidades culturais dentro do local e além do local, ou seja, além das fronteiras. Ainda sobre esse contexto, o casal de escritores discute também as práticas cinematográficas terceiro-mundista, abordando filmes como “A batalha de Argel” (1966), “Terra em transe” (1967) etc. O livro faz uma varredura na história do cinema, tendo como eixo principal o desenvolvimento e a construção desses discursos utilizando gêneros em voga, como o faroeste, a ficção científica e os filmes de guerra e de aventura, e nos mostram com extrema peremptoriedade como as representações de si e do outro foram longamente gestadas, ou melhor, forjadas.

Além do cinema produzido pelo Ocidente e seus discursos bem-sucedidos (entenda-se aqui no que diz respeito em particular à produção audiovisual, a indústria hollywoodiana), é abordada também a outra face da moeda: as ideias estéticas de representação e auto-representação dos cinemas produzidos em outros locais, para além da sociedade ocidental – África, Ásia,

América Latina, Oriente Próximo e Médio –, e também pelas minorias excluídas e subjugadas em seu próprio mundo ocidental de forma eurocêntrica – gays, mulheres, negros, judeus etc. –, os quais, gradualmente, mas a seu modo fazem resistência a esta hegemonia. O livro traz a tona os estereótipos, os realismos e luta por representação, etnicidades em relação e o cinema do terceiro mundo, que esconde o quarto mundo. Como quarto mundo entende-se, pelo menos a nível do Brasil, os aborígenes, os sem-terras, os subjugados da sociedade, ou seja, a “ninguendade” brasileira de que falou Darcy Ribeiro.

Por fim o livro está estruturado em torno de um propósito duplo. De um lado, mostram que o eurocentrismo forma uma corrente da qual poucos se dão conta. É imprescindível citar como exemplo a

disposição atual do mapa-múndi, gerado a partir do meridiano de Greenwich. Quantos já se deram conta disso? Por que não usar várias convenções de mapa-múndi tendo a América ou Ásia como centro? Já que a terra é redonda. Por outro lado os escritores tentam desmontar o discurso eurocêntrico, ultrapassá-lo para relacionar uma teoria e uma prática.

Received on July 19, 2009.

Accepted on May 11, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.